



CÂMARA MUNICIPAL DE FERROS
ESTADO DE MINAS GERAIS

PROTÓCOLO
RECEBIDO EM 26/10/23
HORA: 20:10
Maldonado
SECRETARIA

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 012, DE 16 DE OUTUBRO DE 2023.

Concede o Título de Cidadão Honorário do Município de Ferros a JOSÉ FRANCO DE MORAIS.

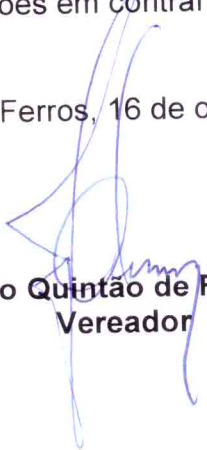
O Presidente da Câmara Municipal de Ferros, no uso das atribuições previstas no Art. 26A, inciso XIV da Lei Orgânica Municipal, bem como no Regimento Interno (Art. 27, inciso XIV), promulga o seguinte Decreto Legislativo:

Art. 1º - Fica concedido o título de Cidadão Honorário do Município de Ferros a JOSÉ FRANCO DE MORAIS, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados ao Município de Ferros/MG.

Art. 2º- O Título que trata o artigo anterior, representado por Diploma especialmente confeccionado será entregue ao agraciado em Reunião Solene da Câmara Municipal, em data a ser definida pela Presidência da Casa.

Art. 3º - Este Decreto Legislativo entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara Municipal de Ferros, 16 de outubro de 2023.


João Quintão de Freitas
Vereador



CÂMARA MUNICIPAL DE FERROS
ESTADO DE MINAS GERAIS

JUSTIFICATIVA

Tenho a honra de submeter à elevada apreciação e deliberação do Plenário desta Egrégia Casa Legislativa, o incluso Projeto de Resolução, que “Concede o Título de Cidadão Honorário do Município de Ferros a JOSÉ FRANCO DE MORAIS”, em reconhecimentos aos relevantes serviços prestados por Leandro no Município de Ferros.

Acompanha esta mensagem a biografia do agraciado.

Solicito aos nobres pares apoio para a aprovação da presente proposição.

Câmara Municipal de Ferros, 16 de outubro de 2023.


João Quintão de Freitas
Vereador

José Franco de Moraes, ferrense de coração

José Franco de Moraes nasceu em 5 de dezembro de 1928 em Antônio Dias (MG), na região do vale do Rio Doce, onde é extraído o minério de ferro de Minas Gerais.

Aos três anos de idade, foi com a família para o município de Ferros, a menos de 100 km de distância. O pai, Vital de Castro Moraes, coletor estadual, foi transferido para a pequena cidade e levou a mulher, Brígida de Oliveira Moraes, e três filhos: Maria, José e Ruth.

Em Ferros, o casal Vital e Brígida teve outros oito filhos – e muitos descendentes ainda moram lá. Lá, seu Vital, como era chamado, se notabilizou por uma iniciativa que marcaria a cidade até os dias de hoje: a construção do Hospital São João de Deus, nos anos 50 do século passado.

Depois de chegar ainda criança, José Franco de Moraes viveu em Ferros de 1931 até pelo menos 1947, ou seja, foram dezesseis anos, dos 3 aos 19, contando o breve intervalo de três anos em que estudou no rigoroso Seminário do Caraça.

Esses dezesseis anos de vida em Ferros foram suficientes, porém, para moldar toda sua personalidade e formação. Hoje, ao se aproximar dos 95 anos, Ferros permanece uma lembrança viva, não só na sua memória: Ferros é o personagem principal dos dois livros de memórias que lançou nos últimos quinze anos, *Vivandâncias* e *Vivandâncias 2*.

As histórias do seu tempo de criança em Ferros, na beira do rio Santo Antônio, na companhia de moleques de pés descalços que são avós e bisavós das crianças que ainda hoje nadam no rio de praias brancas, ocupam grande parte dos dois volumes.

Ainda adolescente, depois de se formar na Escola Normal de Ferros (1945-1947), resolveu ganhar o mundo: morou em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Brasília, onde chegou pouco depois da inauguração, em 1960.

De lá para cá, deu aulas de Português na rede pública e entrou no Itamaraty como Oficial de Chancelaria, o que permitiu que conhecesse grande parte do mundo – como sonhava o menino que olhava as águas do rio Santo Antônio se afastarem em direção ao mar, em Ferros.

Ao sair de Ferros, primeiro trabalhou na recém-inaugurada siderúrgica Acesita, de 1948 a 1950, onde presenciou o impulso inicial de desenvolvimento da região onde hoje ficam Ipatinga, Timóteo e Coronel Fabriciano. Em seguida, foi para São Paulo (1950-52), onde trabalhou no Banco da Lavoura.

Em 1952, com 24 anos, foi para o Rio de Janeiro, na época um dos grandes objetivos dos mineiros de todos os lugares. Lá, fez um curso de dois anos na Italcable, empresa italiana de cabo submarino, onde trabalhou seis anos como cabografista.

O sistema usado no cabo submarino é o morse. O conhecimento do código morse fez com que se saísse bem no concurso para telegrafista da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, ou

simplesmente Correios. Nos Correios trabalhou seis anos como telegrafista. E foi assim que surgiu a oportunidade de ir para Brasília, transferido.

Pisou pela primeira vez em Brasília em maio de 1960, pouco depois da inauguração da nova capital. O lugar era praticamente um canteiro de obras no meio do cerrado. Em 1963, passou a acumular o trabalho nos Correios com o de professor de português no sistema público de ensino.

Seis anos depois de chegar a Brasília, onde dividia apartamento com vários mineiros igualmente aventureiros, abandonou a vida boêmia e se casou com a amazonense Hilda, com quem teve três filhos: Antonio Vital, Marcelo e Franco.

Em 1971, aos 43 anos, ingressou na Universidade de Brasília, e lá se formou em Letras em 1976, mesmo ano em que entrou por concurso público como Oficial de Chancelaria do Itamaraty – Ministério das Relações Exteriores.

Em 1987, como funcionário do Itamaraty, foi removido para Roma, onde exerceu a função de vice-cônsul do Brasil. Permaneceu cinco anos na capital italiana. Ao todo, ficou doze anos no exterior: cinco em Roma, cinco em Quito (capital do Equador) e dois em Bella Unión (na fronteira do Uruguai com o Brasil).

José Franco de Moraes se aposentou em 1998, aos 70 anos, e desde então vive em Brasília, alternando as atividades de avô e dono de sítio.

Mas hoje, quando olha para trás, além das aventuras, o que ele vê é uma cidadezinha no fundo de um vale, na beira do rio Santo Antônio. Como escreveu no livro *Vivandâncias 2*:

“Em Ferros eu pescava e pegava passarinho de arapuca, entrava livremente nos quintais, percorria as ruas da cidade e passeava pelas estradas rurais a pé, a cavalo ou em carro de boi, ia para Belo Horizonte e voltava de Jardineira, uma espécie de ônibus antigo, dos anos 30 e 40, passando pelo Viamão, pelo Morro do Pilar, pela Serra do Cipó e por Lagoa Santa. Como esquecer uma cidade onde passei a infância e a adolescência com tanta alegria e felicidade?! Jamais hei de esquecê-la! Ferros está sempre presente no meu pensamento, no meu coração.”